I Seminário de História Latino-Americana de Psicologia

Ulfried Geuter – Vou apresentar um trabalho que escrevemos juntos, o Prof. Ramon Leon, em Lima, e eu, algumas semanas atrás. Infelizmente o Prof. Leon está hospitalizado e por isso vou apresentar o trabalho. Foi escrito em espanhol, que é a língua materna dele; mais uma razão para lamentar a sua ausência , pois, de nós dois, ele é o especialista em história da psicologia na América Latina no que se refere à imigração. A minha competência, o meu conhecimento diz respeito ao outro lado do tema, a emigração européia, especialmente dos judeus. Nosso relatório foi escrito na perspectiva latino-americana e não na perspectiva européia. O tema é "O outro lado do mundo" – o papel dos emigrantes europeus na psicologia latino-americana.

Até agora, cada vez que os historiadores de psicologia estudaram a emigração dos psicólogos, têm-se referido sobretudo àquela dos especialistas alemães e austríacos que emigraram para os EUA.

Na realidade, sabe-se muito pouco sobre os emigrantes que se trasladaram para a América Latina e a influência que exerceram sobre o desenvolvimento da psicologia nesta região, com exceção do Brasil, país do qual já contamos com trabalhos que estudam o assunto e oferecem informação de particular utilidade, como os dos Profs. Penna e Hannes Stube.

A presente comunicação pretende oferecer uma primeira abordagem a este interessante e até hoje inexplorado aspecto da história da psicologia na América Latina. Este trabalho não é exaustivo: ao contrário, são muitas as omissões e é provável que as informações que se oferecem devam ser retificadas ou ampliadas com a ajuda dos colegas dos diferentes países do continente latino-americano. Façamos alguns esclarecimentos que permitam compreender o porquê das omissões e imprecisões a que nos referimos. Em primeiro lugar, o conceito mesmo de América Latina se revela tão enganoso quanto excessivo. Rubem Ardilla assinala, em seu livro *A psicologia na América Latina,* ser muito difícil se falar de uma cultura e de uma ciência latino-americanas. Na América Latina, Bolívia, México, Peru, Trinidad e Tobago a Haiti, Argentina, Nicarágua, Brasil, apresentam-se grandes diferenças, tanto em níveis de desenvolvimento cultural, em mercado, e em nível de desenvolvimento da psicologia.

A América Latina é uma região tão grande que as condições e circunstâncias que imperam nos diferentes países são tão variadas que uma visão geral da emigração só pode surgir do estudo das características específicas de cada país. Um problema adicional, mas não menos importante, é o que se deve entender por emigrante. É possível, por certo, distinguir várias formas e vias de emigração. De um lado, está a emigração de psicólogos latino-americanos aos Estados Unidos, ou também a emigração de um país latino-americano a outro, como a sucedida por motivos políticos, com psicólogos argentinos e chilenos.

A emigração dos psicólogos europeus para a América Latina, sobre a qual falaremos, é, portanto, só um aspecto do tema emigração na psicologia latino-americana. Além disso, nem todo psicólogo europeu que veio à América Latina foi emigrante. Sob este termo queremos colocar aqueles que, pelas mais diversas razões, vieram a esta região para ficar e viver ou que pelo menos passaram parte considerável de sua vida aqui. Alguns deles permaneceram apenas por breve temporada, como, por exemplo, a austríaca Liselotte Fischer, que veio ao Brasil em 1939 e em 1941 emigou para os EUA. Rudolph Graicov que queria permanecer no Brasil mas só ficou três meses. Outros permaneceram por tempo mais ou menos extenso como professores convidados. Tal é o caso dos alemães Philip Krüger e Otto Schultzer, os quais, de 1906 a 1908 e de 1908 a 1912, respectivamente, trabalharam no Instituto Nacional do Professorado Secundário em Buenos Aires. O sucessor de Schultzer, o alemão Carl Jesinghaus, já mencionado, decidiu, após interrupção entre 1935 e 1945, estabelecer-se definitivamente na Argentina. Outros psicólogos europeus tiveram uma grande influência na psicologia latino-americana, embora tenham estado aqui apenas por curtos períodos, para dar conferências, cursos, como Küller, que esteve em Montevidéu, Buenos Aires e Rio de Janeiro ou Henri Pieron, que em várias oportunidades visitou o Brasil.*

Por isso, pode-se afirmar que a influência dos psicólogos europeus não mantém relação direta com a duração de sua permanência nessa parte do mundo. Os psicólogos que emigraram de modo definitivo para a América Latina o fizeram, sobretudo, por motivos políticos decisivos. A guerra civil na Espanha, a *Mastergreifung* na Alemanha, a anexação da Áustria, a perseguição dos judeus, e a II Guerra Mundial foram motivos mais que suficientes para que numerosos intelectuais optassem pela emigração.

Em um caso, podemos encontrar um psicólogo que formou parte da emigração do nacional-socialismo que, depois da Guerra, veio para a América Latina. Este foi Hans Koch, que se estabeleceu em Buenos Aires. E os casos daqueles, como Radecki ou Helena Antipoff, que emigraram nos anos 20 para o Brasil também por motivos políticos, ainda que menos dramáticos, é algo que desconhecemos. Até agora, identificamos um total de 15 emigrantes. Eles provêm de diferentes países. Devido à semelhança idiomática, o maior número era da Espanha (Emilio Mira y López, Mercedes Rodrigo ou Franciso De Lolmo). Mas há também húngaros, como Bela Székely, Oliver Brachfeld; polacos, como Waclaw Radecki, ou russos, como Helena Antipoff. Por motivos de perseguição racista, estão os alemães Walther Blumenfeld, Bettina Katzenstein e Hans Hahn e o austríaco Herbert Brugger.

Mencionamos todos os psicólogos mas, por suposição, tivemos também psiquiatras, psicanalistas e filósofos com forte interesse pela psicologia que também emigraram para a América Latina.

A cifra de emigrantes é tão pequena que não permite formular afirmações comparativas sobre os países recebedores. Porém, é possível indicar que os dois maiores e mais desenvolvidos países, Brasil e Argentina, receberam um maior número deles. Queremos falar de recepção dos emigrantes e isso põe no contexto de nosso trabalho várias coisas: em primeiro lugar, temos o aspecto que podemos denominar administrativo. Em sua autobiografia, o psicólogo profundo Rudolph Graicow

*Também visitaram o Brasil os europeus Leon Walther, Th. Simon, Eduardo Claparède, Pierre Janet, Henri Wallon, Rudolf Dreikms, Etienne Souriau, André Ombredane, Jean Maügué, Marie Joseph Peters, Paul Arbouse Bartide, Claud Levi Strauss, Roger Bartide. (N. da R.)

relata que deixou o Brasil e foi para os EUA porque seu grau de doutor não foi reconhecido no país sul-americano. Walter Blumenfeld, ao que parece, não teve esse problema, já que estava interessado em trabalhar na Faculdade de Letras da Universidade Nacional Maior de San Marcos (Peru) e desta faculdade recebeu a informação kafkiana de que, para entrar nela, era necessário que tivesse um grau de doutor, outorgado pela mesma.

Sem dúvida, outros emigrantes parecem ter resolvido esse problema de modo satisfatório. Recepção é também o grau de atmosfera de acolhida que cientistas recém-chegados encontraram por parte de seus colegas e do ambiente acadêmico do país ao qual emigraram. A partida de Mira y López da Argentina para o Brasil parece um indicador mais ou menos claro de que, sendo a Argentina seu inicial país de destino, o cientista espanhol não encontrou aí um ambiente favorável. O próprio Mira, em uma carta a Blumenfeld, manifestou sua decepção pelo fato de que uma eventual partida para o Peru, com fins de trabalho, não pudera concretizar-se. Waclaw Radecki repetiu a façanha de Mira, mas ao contrário: emigrou do Brasil à Argentina e ao Uruguai, onde faleceu. Sua partida do Brasil se deveu, pelo que se conhece, a situações pessoais cada vez mais difíceis para ele. Walter Blumenfeld, em sua correspondência, mencionou que tinha problemas com seus colegas na Universidade de San Marcos, assinalando Honório Delgado e Mariano Hibérico como seus inimigos. Este é o lado negativo. Porém, há também o positivo. O certo é que, por exemplo, Blumenfeld conseguiu concentrar em torno de si um grupo numeroso de discípulos que até hoje reconhecem nele o seu mestre. Mira y López fundou o ISOP no Brasil e iniciou uma atividade de primeira ordem em prol do desenvolvimento da psicologia nesse País.

Decepção, significa também o grau no qual a obra científica de cada um dos emigrantes pode ser conhecida. Consideremos o caso mais brilhante, já mencionado, do psicanalista Erich Fromm. Sua obra, mundialmente conhecida, desfrutou e desfruta de ampla leitura no México e em toda a América Latina. Inclusive alguns de seus trabalhos têm como lugar de estudo o México ou, em outros casos, foram ali editados. O caso de Fromm é, sem dúvida, muito especial. Nem todos puderam contar com a imensa infra-estrutura editorial e publicidade que ele teve. Assim, o leitor médio peruano desconhece toda a importante obra de Blumenfeld antes de mudar-se para o Peru. É verdade que a grande maioria desses trabalhos não foi traduzida para o espanhol. Esta carência de difusão vale igualmente para obras que foram escritas nos países anfitriões. Com exceção dos trabalhos de Emilio Mira y López, outros só foram conhecidos internacionalmente em seu devido momento. *Introdução à psicologia experimental,* de Blumenfeld, de 1945, ou *Introdução ao estudo da psicologia,* de Mercedez Rodrigo. Exceção temos que ver nas posições profissionais que os emigrantes ocuparam no Novo Mundo. Alguns, chegaram com trabalho certo. Walter Blumenfeld viajou para Lima com contrato firmado com a Universidade de San Marcos, para exercer a direção do recém-criado Instituto de Psicologia e Psicotécnica. Mercedez Rodrigo foi à Colômbia para trabalhar na Universidade Nacional da Colômbia. Mas a maioria precisou de muito tempo. Transcrevemos um breve parágrafo de uma interessante carta de Emilio Mira y López a Walter Blumenfeld, de 4 de julho de 1941, de Buenos Aires. Escreve Mira y López: "Efetivamente, sou seu colega barcelonense, agora refugiado aqui desde a Guerra Civil Espanhola, na qual perdemos tudo, menos a honra e a vida. Trabalho como psicólogo em um sanatório particular de enfermidades mentais e dou cursos livres de psicoterapia, psiquiatria e psicologia. Coleciono pro-

messas de cargos oficiais mas não tenho uma posição universitária e não pude revalidar meu título de médico."

Tempos depois, Mira y López emigraria para o Brasil, a convite, e assumiria uma importante posição.

Os que chegaram com algo seguro, tiveram também dificuldades. Mercedez Rodrigo se viu obrigada a deixar a Colômbia em meio a uma situação muito desagradável, derivada, de modo incrível, de seu trabalho acadêmico e profissional. Tinha uma greve importante na Universidade e depois da greve ela teve que sair. E partiu para Porto Rico.

O instituto que Blumenfeld dirigia foi fechado em 1939 e o cientista alemão, depois de vários problemas, encontrou acolhida na faculdade de Ciências da Universidade de San Marcos.

Oliver Brachfeld, na Venezuela, perdeu em 1954 seu posto de professor em Caracas, quando, depois de um golpe de Estado, o instituto foi fechado. Diante do exposto, façamos um breve comentário sobre alguns destinos individuais. Cada psicólogo emigrante tem sua própria e muito pessoal história; o que pretendemos é apenas assinalar alguns dos traços mais característicos dela. Emilio Mira y López tem talvez a mais interessante das histórias. Os sucessos alcançados por ele no Novo Mundo são tais, que contribuíram de modo decisivo para que fosse destacado como uma figura relevante da psicologia contemporânea. Ainda que nascido em território americano, em Santiago de Cuba (então colônia da Espanha), é identificado obviamente como psicólogo espanhol. Com efeito, durante muitos anos viveu na Espanha, de onde eram seus pais, e teve aí uma destacada atuação. Dirigiu o Instituto de Fisiologia da Universidade de Barcelona e também o Instituto de Orientação Profissional da mesma cidade. Deveria ser presidente do X Congresso Internacional de Psicologia, que nunca chegou a acontecer, por causa da guerra civil. Devido a este doloroso acontecimento, saiu da Espanha e iniciou uma peregrinação internacional que o trouxe finalmente à América Latina, onde andou pela Argentina, Uruguai e Brasil, estabelecendo-se neste último país, definitivamente. Aí, dirigiu, desde o início, o ISOP, fundou a revista *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, hoje *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, e prosseguiu seu ativo trabalho científico, expressado em numerosos livros. Foi precisamente durante essa segunda parte de sua vida, quando já instalado no continente americano, que precisou a idéia do teste miocinético, sua mais importante contribuição ao conhecimento psicológico. Já em 1939, a *Revista de Neuropsiquiatria*, em Lima, publicou uma prévia das bases teóricas de seu teste, o mesmo que depois foi ativamente utilizado por numerosos investigadores latino-americanos. Este foi um dos mais bem-sucedidos casos de adaptação às circunstâncias do Novo Mundo e da execução e ampliação da atividade científica. Sua contribuição para o desenvolvimento da psicologia no Brasil foi múltipla, institucional, docente, investigadora. Não menos interessante é o caminho seguido por Walter Blumenfeld. Trabalhando em um país com menores possibilidades que o Brasil, o Peru, em condições ao que parece mais difíceis que o primeiro, Walter Blumenfeld produziu uma obra que deve ser considerada, com justiça, formidável. Com posição docente estável, na Technische Hochschule, de Dresden, na Alemanha, Blumenfeld se viu despojado de seu cargo após a Maistergrafundt e em 1935 emigrou para o Peru. Na viagem de navio aprendeu os rudimentos do idioma de Cervantes. Chegando ao novo destino, iniciou uma atividade surpreendente para um homem que teve de deixar a pátria e que aos 53 anos se viu obrigado a começar, de novo, a aprender novo idioma e adaptar-se a um país no qual nunca havia pensado que teria que trabalhar.

Quando Blumenfeld se trasladou para o Peru, já havia efetuado numerosas contribuições para a psicologia. Seu trabalho de doutorado passou a ser mencionado como um clássico no terreno da psicofísica; suas obras foram também muito comentadas, sendo até hoje citadas. No Peru, realizou sua atividade publicista concentrada em três grandes áreas: a produção de manuais, a investigação de temas relevantes para o sistema educativo peruano e o conhecimento das características psicológicas do adolescente peruano, e o estudo de temas ligados à filosofia. A lista de publicações de seus anos peruanos surpreende por sua extensão e pela variedade temática. Surpreende ainda mais quando se tem em conta que as condições de trabalho desse cientista no Peru não eram precisamente as melhores. O meio acadêmico peruano reagia em aceitar a psicologia experimental que o recém-chegado propugnava.

As possibilidades do trabalho de laboratório eram mínimas. A falta de dinheiro, as bibliotecas ausentes, colaboradores sem adequado treinamento e, por último, algumas manifestações de anti-semitismo lhe trouxeram problemas. Uma espécie de conspiração de silêncio, em torno de sua obra, foi assinalada por Gonzales.

Blumenfeld recebeu ofertas para trabalhar em Cuba, Argentina e aqui, no ISOP, ao lado de Mira y López, por pedido deste, ofertas todas que não aceitou para finalizar seus dias no Peru, em meio de incessante trabalho científico, apesar de seus 85 anos.

Waclaw Radecki é um terceiro caso; faz parte de um grupo de psicólogos que emigrou para a América Latina anos antes de todos aqueles dos quais falamos. Nascido na Polônia, Radecki possuía uma sólida formação, obtida nos melhores e mais preciosos centros de ensino e investigação psicológica na Europa. Radecki foi colaborador de Clapàrede, na Universidade de Genebra, na qual foi até mesmo livre docente. Ocupou igualmente a cátedra de psicologia da Universidade Livre de Varsóvia e foi diretor do laboratório de psicologia da Universidade de Cracóvia, na Polônia. Em 1923, foi contratado para dirigir o Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro e permaneceu, desde então, definitivamente na América Latina. Radecki procurou desenvolver um sistema psicológico, o discriminacionismo afetivo, que difundiu de modo muito ativo.

Seu sistema foi o tema central das discussões do I Congresso Latino-americano de Psicologia, realizado em Montevidéu em 1950. Por razões que não pudemos precisar, sua situação no Brasil foi cada vez menos fácil e suas idéias combatidas, razões pelas quais emigrou em 1933. O trabalho de Radecki, tanto no Brasil, quanto no Uruguai e Argentina, foi realmente incansável e se amplia em todos os planos. Radecki organizou e animou o I Congresso Latino-americano de Psicologia, em Montevidéu, em 1950; tratou de organizar o segundo, mas nesta época já se encontrava enfermo.

Os destinos de Radecki, Blumenfeld e Mira y López foram, com evidência, um fato que pode ser considerado válido para a atuação dos emigrantes na psicologia latino-americana. As condições institucionais do trabalho na psicologia acadêmica tornaram muito difícil uma atividade científica continuada e regular. Motivos de ordem econômica obrigaram alguns emigrantes a trabalhar não só nas universidades, como também fora delas. Como sucedeu com Blumenfeld e também com Bettina Katzenstein aqui no Brasil. Em outros casos, o de Oliver Brachfeld, por exemplo, se tratou de razões políticas, o que explica por que os emigrantes se preocuparam na América Latina.

Prof. Geuter – Muito mais que em seus países de origem, por aplicações práti-

cas da psicologia. Seja no terreno da orientação vocacional, de educação ou de atividades clínico-terapêuticas.

Para esta chamada orientação prática dos emigrantes contribuíram todavia outros fatores. Não foram os grandes teóricos europeus da psicologia os que se estabeleceram na América Latina. Emilio Mira y López foi um dos psicotécnicos mais conhecidos internacionalmente mas não foi um sistematizador teórico. Seus interesses se orientaram, desde o começo, para aplicações práticas da psicologia. Os grandes teóricos da psicologia que abandonaram a Alemanha e Áustria como Kurt Lewin, Wertheimer, Wolfgang Köhler, Karl Bühler, tiveram os EUA como seu novo lugar de residência.

Um último fator pode ser o decisivo: os emigrantes se encontraram, de um momento a outro, em um novo ambiente social e cultural. Enfrentaram as circunstâncias e condições cujos problemas sociais determinavam-lhes atitudes, no sentido de pôr seus conhecimentos a serviço do progresso.

Prof. Penna – Creio que todos nós estamos brindados com duas brilhantes palestras; a do Prof. Dr. Josef Brovzek, com aquela nota bibliográfica em que fez um apanhado das principais contribuições até agora publicadas sobre a história da psicologia latino-americana, e agora esse também brilhante trabalho do Prof. Geuter e do Prof. Ramon Léon sobre os grandes psicólogos europeus que vieram colaborar para o desenvolvimento da psicologia latino-americana. Estou muito satisfeito, acho que todos nós estamos de parabéns com o que ouvimos até agora e creio que já está inclusive justificado o fato de termos pensado neste I Seminário de História de Psicologia Latino-americana.

Apêndice

Psicólogos, psiquiatras e psicanalistas europeus que emigraram para a América Latina

Argentina
Psicólogos:
Herbert Brügger (1896 – ?) austríaco; Carl Jesinghaus (1886 - ?) alemão; Hans Koch (1897 - ?) alemão; Juan Dalma (1895 - 1977) austrohúngaros, psiquiatra; Jakob Christofredo (1866 - 1946) alemão, neurólogo; Angel Garma (1904) espanhol, psicanalista; Marie Langer (1910 – 1987) austríaca, psicanalista; Bela Szekely (1892 - 1955) húngara, psicanalista; Emilio Mira y López; Waclaw Radecki.

Brasil
Psicólogos:
Emilio Mira y López (1896 - 1964) nascido em Cuba de pais espanhóis, médico; Diretor do Instituto de Orientação Profissional em Barcelona; 1939, emigração, via França, Inglaterra, Estados Unidos, Cuba, Argentina, Uruguai para o Brasil (1945); 1947, fundação do Instituto de Seleção e Orientação Profissional, no Rio de Janeiro; 1949, fundação da Associação Brasileira de Psicotécnica e dos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*.
Waclaw Radecki (1887 - 1953) polaco, professor em Varsóvia e Cracóvia; 1923 - 1925, direção do Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro; 1932, emigração à Argentina e Uruguai; atividade docente nas Universidades de Montevidéu e Buenos Aires.

Helena Antipoff (1892-1972) russa, discípula de Claparède, em Genebra; na década de 20, emigrou para o Brasil; permanência definitiva neste país; contribuição à psicologia educativa e à psicometria com a técnica projetiva "Minhas Mãos".
Francisco Campos (1912-1982) espanhol. Assistente do Instituto de Psicologia de Madrid. Fundador e dirigente do Laboratório de Psicologia da Marinha. Responsável pela seleção da instituição sindical Virgem de la Paloma. Trazido para o Brasil em 1950, por Emilio Mira y López. Chefe da Divisão de Seleção do ISOP.
Roberto Suchanek (1905-1977) nascido em Viena, Áustria. Formação em psicologia aplicada em Zurique. Emigrou para o Brasil em 1949; inicialmente trabalhou no Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial/SP). Em 1951, a convite de Emilio Mira y López, ingressou no ISOP.
Betti Katzenstein (1906-1981) doutora em filosofia em 1931 (Hamburgo), colaboradora de Stern; 1933, destituída; 1936, emigração para o Brasil via Suíça; 1936-1941, assistente do Laboratório de Psicologia em São Paulo; 1941-1951, diretora da Clínica Psicológica para crianças em idade pré-escolar; 1946-1951, diretora do Senai; 1950-1953, diretora do Departamento de Pedagogia Pré-escolar, estado de São Paulo; 1976-1980, professora da Universidade de São Paulo.
Aniela Meyer-Ginsberg; Werner Kemper (1899-1975) – psicanalistas; Lucy Koch (1896-1980) – psicanalista.

Colômbia
Mercedez Rodrigo; Wladimiro Woyno (1900-1977) – psicólogos.

México
Otto Ruhle; Alicia Ruhle-Gerstel – psicanalistas.

Paraguai
Zoltan Wiesinger (1909-1977) – psicanalista.

Peru
Waler Blumenfeld (1882-1967); Hans Hahan (1900-?) – psicólogos.

Uruguai
Emilio Mira y López; Waclaw Radecki.

Venezuela
Oliver Brachfeld (1908-1967) – psicólogo.